

## **A EPISTEMOLOGIA CIRENAICA: O PROBLEMA DO MUNDO EXTERNO**

**Bárbara de Abreu Freitas**  
UFMG  
*Email: barbara-fr-ab@hotmail.com*

**Gustavo Leal-Toledo**  
UFSJ  
*Email: lealtoledo@ufsj.edu.br*

### **Resumo**

O presente artigo visa a apresentar o escopo da epistemologia cirenaica. Para tal, discutirá se o ceticismo cirenaico abrange o ceticismo sobre as propriedades, as identidades ou a própria existência do mundo externo, como pode ser visto na dúvida cartesiana.

**Palavras-chaves:** cirenaicos, ceticismo, mundo externo.

### **Abstract**

The present paper aims to present the scope of the Cyrenaics epistemology. For this we will discuss whether the Cyrenaics skepticism encompasses the skepticism about properties, identity or about the very existence of the external world, as can be seen in the Cartesian doubt.

**Keywords:** Cyrenaics, skepticism, external world.

### **1 Introdução<sup>1</sup>**

O ceticismo, movimento filosófico originado na Antiguidade grega, se propõe, por meio da dúvida, questionar os conhecimentos adquiridos pelos cinco sentidos e em saber se é possível tomar como verdade algum conhecimento. Muito consideram apenas os céticos pirrônicos e os acadêmicos, pensadores da Antiguidade, como os principais divulgadores do ceticismo e influenciadores do ceticismo da modernidade. Todavia, tal forma de pensar, a saber, colocar em dúvida a própria realidade do mundo ou nossa capacidade de conhecê-la, já era desempenhado pelos filósofos pré-socráticos e pelo próprio Sócrates.

Embora seja de igual importância analisar as origens do pensamento cético, nos debruçaremos nesse artigo na investigação de uma corrente cética muito

---

<sup>1</sup> Agradecemos as indicações e apontamentos do professor Dr. José Raimundo Maia Neto, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFMG), que nos ajudaram a refletir sobre esse trabalho.

pouco conhecida pela história da filosofia: os cirenaicos.<sup>2</sup> Mais especificamente, tentaremos entender um problema do ceticismo cirenaico e, com isso, analisar se eles foram céticos perante as propriedades, as identidades ou sobre a existência do mundo externo.<sup>3</sup> Os cirenaicos ficaram mais conhecidos na história da filosofia pela problemática ética hedonista, no qual a busca pelos prazeres presentes é o único *telos*, e assim, a única forma de alcançar a felicidade. Todavia, como a proposta desse artigo é a análise epistemológica dos cirenaicos, nos deteremos em apenas apresentar as passagens que mostram sua forma cética de conhecimento do mundo.<sup>4</sup>

Saber exatamente o que foi transmitido pela escola cirenaica é um problema que muitos comentadores vêm se debruçando, pois não herdamos nenhum escrito dessa escola, temos apenas relatos que os pensadores da Antiguidade nos deixaram. Para tanto, basearemos nos relatos que nos chegaram escritos por: Diógenes Laércio, Sextus Empíricus, de Plutarco, Cícero e Eusébio de Cesareia. Além disso, para explorarmos a questão dos tipos de ceticismo nos cirenaicos, comparamos as duas posições comentadas por O’Keefe (2015), Tsouna (2004) e Groarke (1990).

Assim, nesse artigo, tentaremos discutir alguns pontos da epistemologia cirenaica no que diz respeito ao ceticismo de propriedade, identidade e sobre o mundo externo. Para tal, iremos recorrer às fontes dos cirenaicos, mas também utilizaremos, ao final, a resposta cartesiana a este mesmo problema como contraponto que nos ajude a compreender o escopo do ceticismo cirenaico.

## 2. A epistemologia cética dos cirenaicos

Toda escola cética se baseia em alguma epistemologia sobre o mundo. São as dúvidas sobre como podemos conhecer o mundo que, geralmente, nos levam a algumas formas de ceticismo. Além, é claro, da questão de como devemos agir a partir desta dúvida (Leal-Toledo, 2014). O cético frequentemente precisa lidar, então, com a questão de o que no mundo externo ele pode estar certo, se é que há algo que ele possa estar certo.<sup>5</sup> Seguindo os trabalhos de O’Keefe (2015), Tsouna

---

<sup>2</sup> Como nos relata o historiador Diógenes Laércio, os cirenaicos foram uma escola filosófica iniciada por Aristipo de Cirene. Aristipo, contemporâneo de Platão e seguidor de Sócrates, é conhecido pela sua forma de vida extravagante tendo como fim último de sua vida a busca pelos prazeres. Segundo Diógenes: “ele gozava os prazeres proporcionado pelos bens presentes, e não se esforçava pela fruição de bens não – presentes” (II, 8, 66). Da linhagem de Aristipo surgiu a escola denominada cirenaica, tendo como precursores a filha Areté e seu neto conhecido como Aristipo, o jovem. Os cirenaicos, em conjunto com os megáricos e os cínicos, são considerados “socráticos menores”. Socráticos porque seus fundadores foram discípulos de Sócrates e menores porque não eram os mais importantes da Academia e do Liceu.

<sup>3</sup> Mesmo sabendo que os cirenaicos não são propriamente designados céticos pela tradição, nos baseamos, principalmente nos testemunhos do Sextus Empíricus, que faz uma contraposição com a epistemologia cirenaica e assim, o transcreve como uma forma epistêmica cética, e nos estudos recentes sobre o ceticismo Antigo. Apoiamo-nos nesse grupo de pesquisadores (O’Keefe (2015), Tsouna (2004) e Groarke (1990)), empregamos a terminologia do ceticismo de propriedade, identidade e mundo externo nos cirenaicos, mesmo sabendo que tais podem denotar certo grau de anacronismo. Contudo, mesmo arriscando certo anacronismo, manteremos essa análise do ceticismo cirenaico.

<sup>4</sup> Segundo Tim O’Keefe (2002) há uma relação entre a ética e a epistemologia dos cirenaicos. Assim como os cirenaicos não podem ter acesso a *physis* das coisas, dado que só podem conhecer o que aparece aos seus sentidos, na ética, não se pode apelar para algo fora de si, da natureza humana da própria pessoa, mas pode-se apenas ver algo tal como ela aparece, ou seja, se ela dá prazer ou não.

<sup>5</sup> “Não se deve, portanto, dizer que o cético duvida de tudo em geral: não duvidam dos fenômenos, mas somente de realidades enquanto distintas das aparências” (Brochard, 2009, p. 71).

(2004) e Groake (1990), podemos dividir esta dúvida em três: Ceticismo de Propriedades, de Identidade e de Existência do Mundo Externo.

O Ceticismo de Propriedades é o mais brando dos três. Ele irá assumir não só a existência do mundo externo, mas também certa ontologia deste mundo como formado pelos objetos que normalmente presumimos. Seu ceticismo se aplica, então, só às propriedades destes objetos. Neste sentido podemos saber, por exemplo, que o mel existe, mas não se ele é doce ou não<sup>6</sup>. Já o Ceticismo de Identidade vai além deste e questiona a própria existência de tais objetos, aceitando a hipótese de que o mundo externo existe, mas pode ser amorfo ou diferente de tudo que percebemos. Por último, a versão mais extrema de ceticismo se vê insulada em sua subjetividade admitindo como certa apenas a existência desta e questionando a própria realidade do mundo externo.

Durante a história da filosofia, diferentes escolas céticas deram respostas distintas a este problema, sendo necessário, assim, clarificar aqui quais respostas foram dadas pelos cirenaicos. Entendemos, assim, que a epistemologia cética e seu escopo podem ser analisadas a partir de tal divisão tripartida e que, deste modo, é possível situar a amplitude do ceticismo em uma determinada escola. Cabe, assim, discutir qual seria a amplitude do ceticismo cirenaico.

## 2.1 Ceticismo de propriedade e identidade nos cirenaicos

O ceticismo de propriedade tem como intenção questionar se a propriedade dos objetos externos é real. O que os cirenaicos estão se perguntando é se a propriedade que os objetos têm e que me causa afecções é algo existente no mundo. No caso do mel, não me pergunto se o mel existe, mas pergunto se a propriedade do mel de “ser doce” é de fato algo causado pelo próprio mel. O mesmo caso pode ser pensado com o fogo. Eu sinto o calor, mas não sei se o que causa calor foi o fogo. Na linguagem dos cirenaicos ao perceber esses objetos eu fui “adocicado” ou “acalorado”, mas não sei se essas percepções são propriedades do mel ou do fogo. Os cirenaicos acreditam que só é possível conhecer o *pathos* (*pathê*)<sup>7</sup>. O *pathos* não é algo distinto de algo que acontece com o sujeito, ou seja, ele não acontece *no* sujeito, mas *com* o sujeito. Assim, não há percepção do *pathos*, mas a percepção da modificação interna feita por ele (Tsouna, 2004, pp. 19).

Para eles não é possível duvidar que se esteja vendo ou sentindo algo, ou seja, tendo uma experiência subjetiva<sup>8</sup> em qual o *pathos* de algo está afetando sua percepção. Mas, mesmo sendo afetado por essa experiência, não é possível saber se as propriedades dos objetos são de fato pertencentes a eles, e assim, ter certeza que o mel é, realmente, doce e o fogo é, realmente, quente. Há a dúvida se as propriedades dos objetos, ser doce ou quente, existem na realidade ou são meras impressões subjetivas. Por isso, quando os cirenaicos falam sobre os objetos

<sup>6</sup> Segundo Diógenes Laércio citando a Timon diz: “Não asseguro que o mel seja doce, apenas reconheço que parece ser” (IX.105).

<sup>7</sup> *Pathos* deriva do verbo *pachen* que significa algo que sofre mudança. O termo *pathos* possui diversas traduções, sendo algumas possíveis: paixões, sensações, sofrimento, excessos e afecção. A fim de não delimitarmos a palavra a uma tradução que a limitaria, optamos por usar o termo original. Segundo Tsouna (2004) o termo “afecção” denota algo puramente mental. Por mais que o *pathos* seja algo relatado por humanos, que possuem estados subjetivos, ele também pode ocorrer em seres inanimados. Uma pedra aquecida pelo sol é afetada, tem um *pathos*, pelo sol. A diferença entre a pedra (objeto inanimado) e o homem reside que o primeiro não está ciente das mudanças, enquanto o segundo está (O’Keefe, 2015).

<sup>8</sup> O uso da expressão “experiência subjetiva” é polêmico quando se fala de filósofos da antiguidade (Fine, 2003).

externos eles os descrevem de forma bem superficial. Notamos isso em PH I, 125: “de objetos externos” (*ta ektos rhuþokeimena*), e em Eusébio XIV, 19, quando diz “o que os queimou” (*to takaion*).

Assim, sentir que o mel é doce ou ver que aquela parede é branca é algo que não se pode duvidar. Não é possível estar errado quanto as minhas próprias afecções, já que só é possível apreender aquilo que meu *pathos* mostra (afecções subjetivas). A pessoa que sente o doce do mel, na terminologia cirenaica, está sendo adocicada, do mesmo modo que ver o branco é estar sendo embranquecido. O *pathos* é apenas uma impressão subjetiva sobre a realidade, mas apenas ele não é o suficiente para julgar que os objetos externos são de determinadas formas. Qualquer coisa que ultrapasse o *pathê* está sujeito ao erro (O’Keefe, 2015, p. 100). Notamos o que o Sextus Empiricus nos relata sobre isso:

E se dizemos que os efeitos sobre nós são aparentes, então deve-se dizer que toda coisa aparente é verdadeira e apreensível, mas, se declararmos como aparentes as coisas que produzem os efeitos, toda coisa aparente é falsa e inapreensível, pois o efeito que ocorre em nós não nos revela mais do que ele próprio. Portanto, de fato (se devemos dizer a verdade), somente o efeito é aparente a nós; a coisa externa que produz o efeito é talvez um ser, mas não é aparente para nós (M 7.194).<sup>9</sup>

Mais uma vez obtemos a mesma confirmação em Cícero em *Luculus* 76:

O que você acha dos cirenaicos, de modo algum filósofos desprezíveis? Eles negam que exista algo do lado de fora que possa ser percebido: as únicas coisas que eles percebem são aquelas que sentem por contato íntimo (*tactos interior* ou *tactos intimus*), por exemplo, dor ou prazer, e não sabem se algo tem uma cor ou som particular, mas apenas sentem que eles próprios são afetados de uma certa maneira (76 [T4b]).

Confirmando as citações anteriores, Cícero diz que os cirenaicos percebem apenas o *pathê* e não o ser da coisa nela mesma, a saber, como ela é externamente. Esse *pathê* é percebido, como nos diz Cícero, por um “toque interno” ou “toque íntimo”.

No entanto, para O’Keefe (2015), os cirenaicos também são céticos quanto à identidade dos objetos. Isso pode ser visto em Eusébio de Cesareia, que em seu livro *Preparatio evangélica* nos mostra essa visão dos cirenaicos. Segundo Eusébio, os cirenaicos:

Pois eles, como se tomados por uma espécie de torpor, sustentavam que nada sabiam a menos que alguém que estivesse próximo deles os golpeie ou perfure; pois quando queimados ou cortados, disseram eles, sabiam que sentiam alguma coisa, mas se o que os queimava era fogo ou o que os cortava era ferro, eles não podiam dizer (XIV, 19).

---

<sup>9</sup> M 7.194. Optamos por deixar as traduções originais dado que não nos foi possível recorrer a fonte grega.

Não há dúvida que eu possa sentir (*pathos*) calor ou sentir o corte, mas não se pode ter certeza se o que me provocou calor foi o fogo e o que me cortou foi a faca. Não posso ter certeza da identidade do objeto. Semelhante é dito na seguinte passagem do Sextus Empíricus:

Portanto, de fato (se precisarmos dizer a verdade), apenas o efeito (*phainomenon*) é aparente para nós; a coisa externa que produziu o efeito talvez seja um ser (*techa estin on*), mas não é aparente (M 7.194).

Ainda outra passagem que denota esse ceticismo de identidade é apresentada por Plutarco em seu livro *Contra Colotes* 1120 D<sup>10</sup> quando satirizando os cirenaicos, Colotes, um epicurista, diz que ao invés de dizer que o homem, o cavalo ou uma parede existem, os cirenaicos dizem que estão sendo “homenzados”, “encavalados” e “emparedados”.<sup>11</sup> Na continuação do trecho, Plutarco diz que Colotes está empregando termos que os cirenaicos nunca usaram<sup>12</sup>. No entanto, concorda com ele quando ele diz que os cirenaicos nunca poderiam afirmar que existem cavalos, homens ou paredes. Pode ser que o que aparece para mim seja um cavalo, mas nada me garante que de fato ele não seja uma vaca. Assim, não há base para julgar qual afecção é a certa.<sup>13</sup>

Diferente de O’Keefe (2015), Tsouna (2004) entende que os cirenaicos são apenas céticos de propriedades. Segundo ela, a fonte que temos dos autores sobre os cirenaicos não pode ser um dado certo e seguro para analisarmos a sua epistemologia. Muitos desses autores que temos como fontes não citaram os cirenaicos com a finalidade de relatá-los historicamente, mas o fizeram para complementar ou justificar suas próprias teorias. Assim, para ela, as evidências doxográficas mostrariam apenas essa dúvida quanto a propriedade (Tsouna, 2004, 76). Além disso, a dúvida de identidade seria a mesma dúvida que a do mundo externo que, no que diz respeito aos cirenaicos, foi negada por ela e por O’Keefe.

No entanto, restringir o ceticismo dos cirenaicos as propriedade seria infundado e injustificado devido os argumentos apresentados nas fontes que temos, como já visto anteriormente. Ademais, criticando Tsouna (2004), O’Keefe (2015) diz que se não restringirmos o número das fontes (doxografia) que temos

---

<sup>10</sup> Plutarco. *Contra Colotes* 1120 C: “Pois eram esses que duvidavam de todas as coisas; mas aqueles, colocando as paixões e a imaginação em si mesmos, eram de opinião que a crença que deles procede não é suficiente para garantir e afirmar as coisas; mas, como se estivesse no cerco de uma cidade, abandonando o que está faltante, eles se fecharam nas paixões, usando apenas o que parece, e não afirmando o que é, das coisas faltantes. E, portanto, eles não podem, como Colotes diz sobre eles, viver ou fazer uso das coisas. E então, falando comicamente deles, ele acrescenta: ‘Eles negam que haja um homem, um cavalo, um muro; mas dizem que eles mesmos (por assim dizer) se tornam muros, cavalos, homens 'ou' são impressionados com as imagens de muros, cavalos ou homens”.

<sup>11</sup> Termos empregados na tradução de O’Keefe da citação de Plutarco (O’Keefe, 2005, p. 7).

<sup>12</sup> Plutarco. *Contra Colotes* 1120 D: “Nos quais ele abusou maliciosamente dos termos, como costumam fazer os caluniadores. Pois, embora essas coisas sigam os ditos dos cirenaicos, ele deveria ter declarado o fato como eles mesmos o ensinam. Pois eles afirmam que as coisas se tornam doces, amargas, luminosa ou sombrias, quando cada coisa tem em si mesma a eficácia natural e desimpedida de uma dessas impressões. Mas se se diz que o mel é doce, um ramo de oliveira amargo, granizo gelado, vinho quente e o ar noturno escuro, há muitos animais, coisas e homens que testemunham o contrário. Pois alguns têm aversão ao mel, outros se alimentam dos galhos da oliveira; alguns são queimados pelo granizo, outros são resfriados pelo vinho; e há alguns cuja visão é fraca ao sol, mas que vêem bem de noite. Portanto, a opinião, contendo-se dentro dessas impressões, permanece segura e livre de erros; mas quando sai e tenta ser curiosa ao julgar e falar sobre coisas exteriores, muitas vezes se engana e se opõe a outros, que dos mesmos objetos recebem impressões contrárias e diferentes imaginações”.

<sup>13</sup> O mesmo exemplo é colocado em M 7.192-3 quando coloca o exemplo do louco que vê o Sol dobrado.

dos cirenaicos, ignorando, por exemplo a passagem de M 7.194-95, já apresentada, poder-se-ia muito bem inferir um ceticismo de identidade. Ou seja, uma visão mais abrangente das já poucas fontes disponíveis nos permitem concluir que os cirenaicos eram também céticos em relação à identidade.

Há apenas um problema com esse argumento: analisado até seus fins últimos, ser cético perante as identidades dos objetos leva a uma apraxia. O típico problema do insulamento (Burnyeat, 1997) é aqui colocado. Não podendo ser aplicado a vida prática, o ceticismo de identidade é acusado de não ser algo possível no mundo real.

O’Keefe discute também este problema dizendo que o ceticismo de propriedade também poderia levar a apraxia. O autor coloca o problema do seguinte modo: se não se pode saber nenhuma propriedade sobre o homem, cavalo ou parede, não há como saber “nada” sobre eles. Podemos nos perguntar: que tipo de ação pode acontecer com algo que você sabe que existe, mas não conhece nenhuma de suas propriedades? Dessa forma, não é possível afirmar nada sobre o objeto, pois se desconheço suas propriedades, desconheço sua identidade.

Já um de nós (Leal-Toledo, 2008) discute este mesmo tema e sugere outra resposta, a saber, que a ação pode ser baseada em uma crença sobre as aparências, não sendo necessário o salto metafísico de afirmar que tal aparência corresponde à realidade última da coisa. Deste modo o cético pode permanecer cético e ainda assim agir<sup>14</sup>. Podemos aqui fazer uma analogia com um juiz que suspende o juízo sobre a culpabilidade ou não do réu, mas tal suspensão não o impede de agir e de tomar decisões baseados naquilo que lhe aparece durante o julgamento, mesmo sabendo que tais aparências não necessariamente correspondem à realidade última.

Posto esses argumentos, argumentamos aqui que para os cirenaicos não é possível conhecer as causas exteriores do mundo e que isso não os impedem de agir. Os objetos no mundo causam as afecções, mas só podemos ter acesso às afecções e não aos objetos mesmos. Assim, o conhecimento que podemos ter do mundo é apenas obtido pela “experiência subjetiva” e esta é o suficiente para que sejamos capazes de agir.

Temos então que, para entendermos melhor a noção de *pathos* empregada pelos cirenaicos, podemos pensar o homem, segundo a analogia de Plutarco, como uma cidade sitiada (Plutarco, 1120 C-D) que está protegida por um cerco, seu *pathos*. Assim como uma cidade que fora sitiada não pode ter contato nenhum com o exterior, pois o cerco que a envolve o impede de fazer isso, da mesma forma o homem está cercado pelo seu *pathos*, ou seja, é isolado das coisas exteriores. Dessa maneira, os homens são fechados dentro de seus *pathos* e só podem conhecer a si mesmo, a saber, o que seu *pathos* lhes transmite, pois “o *pathos* que ocorre em nós não nos revela nada mais além de si mesmo” (M 7.194). Dito de outra forma, mas extrapolando com uma analogia anacrônica, “os *pathos* não possuem janelas”.

Como contraponto, os pirrônicos, assim como os cirenaicos, não duvidam da aparência, aquilo que lhe aparece. Que algo apareça a alguém branco ou doce “não há como duvidar” (*azêtêtos* ou “aquilo que não se pode questionar”). No entanto, eles suspendem o juízo em saber se é possível ou não conhecer o que existe

---

<sup>14</sup> Mais recentemente temos defendido (Leal-Toledo, 2019) que explicar a ação mediante a necessidade de crenças e desejos acaba caindo no que temos chamado de “realismo psicológico ingênuo” ao assumir a realidade de tais conceitos da psicologia popular como “crença”, “desejo”, “mente”, “consciência” etc. No entanto, ao simplesmente assumir a existência de tais “entidades subjetivas” postuladas pela psicologia popular estamos adotando toda uma metafísica de difícil, e talvez impossível, adequação ao nosso escopo científico e fiscalista de mundo. Deste modo, no que temos chamado de “fiscalismo estrito”, o ceticismo se inverte e, dada a realidade do mundo físico, passamos a ser céticos em relação a nosso próprio mundo mental.

externamente. Quanto às coisas que produzem o *pathos* nada podemos saber, como nos transmite o Sextus Empiricus:

Enquanto nós [os pirrônicos] suspendemos o julgamento, no que diz respeito à essência dos objetos externos (*hupokeimenon*), os cirenaicos declaram que esses objetos possuem uma natureza real que é inapreensível (*akatalépton*) (PH. 1 215).

Do ponto de vista do ceticismo sextiano, cirenaicos são “dogmáticos negativos”, ou seja, afirmam algo negativamente, - no caso, que não é possível conhecer a identidade dos objetos do mundo externo. Os cirenaicos não seriam céticos pirrônicos, pois, assentem sobre a impossibilidade de conhecimento através do contato entre o mundo externo (*hupokeimenon*, literalmente: o subjacente) e os *pathoi*. Os céticos pirrônicos suspendem o juízo sobre isso, divergindo assim dos cirenaicos. Mas em certa medida, os cirenaicos são “protocéticos<sup>15</sup>” já que os céticos maduros suspendem o juízo sobre a impossibilidade do contato com o *upokeimenon* e justamente por isso não afirmam nada sobre ele, restringindo o alcance da sua linguagem ao relato dos *pathoi*.

Assim, aceitamos que a crítica de Sexto a eles é pertinente, pois ao dizerem que estados externos são incompreensíveis, isso pode ser entendido como uma asserção sobre a natureza intrínseca das coisas, que seriam inapreensíveis em si mesmas. Portanto, essa por si só seria uma afirmação sobre coisas externas que só seria possível se soubessem algo sobre elas.

Deste modo, os cirenaicos afirmam a impossibilidade de conhecer tal como as coisas são, ou seja, o ser das coisas externas. Distintamente da posição pirrônica que suspenderá o juízo sobre essa questão, argumentamos que os cirenaicos se apresentam como céticos sobre a identidade dos objetos.

## 2.2 Ceticismo do mundo externo

Antes de discutirmos se os céticos cirenaicos se questionavam sobre a existência do mundo externo temos que levar em consideração a idéia que os Antigos tinham da realidade. A noção de “externo” é muito discutida entre os comentadores, levando a alguns pontos de divergência entre eles. Segundo Burnyeat (1982), os Antigos não faziam a distinção entre interno e externo tal como a modernidade coloca. Quando se referem as “coisas externas”, estão se referindo ao externo a alguém, ao homem, ou seja, o próprio corpo não é colocado como algo externo. Já no ceticismo da modernidade, a expressão “mundo externo” se refere a externo a mente ou a subjetividade.

Dessa maneira, segundo Burnyeat (1982) não haveria a dúvida do mundo externo na Antiguidade. Notamos uma interpretação diferente em Groarke (1990), que acredita que os Antigos já possuíam uma noção de um anti-realismo e

---

<sup>15</sup> Segundo Brito (2014), os proto-céticos não possuíam um *corpus theoreticum ceticum*, nem fundaram escolas céticas. Propriamente falando, eles apenas produziram argumentos céticos, como: a desconfiança nos dados sensoriais como critério de conhecimento da verdade; a instabilidade da natureza e, assim, a impossibilidade de um conhecimento seguro e permanente. Para mais informações sobre o ceticismo antigo, consultar Brito (2010), p. 87- 88.

assim, haveria uma noção de subjetividade interna<sup>16</sup>, e assim, é possível a dúvida do mundo externo. Segundo ele, os cirenaicos colocavam em dúvida a existência do mundo externo e apresentavam a questão tal como nos vemos na modernidade com Descartes (Groarke, 1990, pp. 77)<sup>17</sup>. Ele se usa das citações M 6.53<sup>18</sup> e M 7.194<sup>19</sup> para afirmar que os cirenaicos possuíam um ceticismo do mundo externo. Mas, como afirma Tsouna:

Do ponto de vista sistemático, a doutrina cirenaica introduziu uma forma de subjetivismo que, de certa forma, parece pré-anunciar o subjetivismo de Descartes, como endossado por Malebranche e Hume e desenvolvido por Kant. A concepção cirenaica de conhecimento subjetivo constitui os fundamentos filosóficos do ceticismo desta escola, resumidos pela tese de que somos incapazes de saber algo sobre objetos do mundo externo. Em contraste com os modernos, os cirenaicos supunham que objetos empíricos existem e que agem sobre nós de várias maneiras. No entanto, seu ceticismo, mais do que qualquer outra posição epistemológica na antiguidade, se assemelha ao que a filosofia moderna chama de ceticismo sobre o mundo externo (Tsouna, 2004, prefácio).

Dessa maneira, vimos anteriormente que para Tsouna há nos cirenaicos apenas um ceticismo de propriedade, já em O'Keefe há um ceticismo de propriedade e de identidade. Contudo, ambos concordam na posição de que essa escola não se questiona sobre a existência real do mundo. Se apoiarmos nas referências que temos dos cirenaicos, exceto a passagem M 7.193-194<sup>20</sup>, já apresentada, todas as outras citações falam que as percepções são causadas pelo mundo externo. Essa citação então, como afirma os dois autores, é uma interpretação pirrônica sobre o ceticismo, na tentativa argumentativa de provar algo<sup>21</sup>.

---

<sup>16</sup> A questão sobre se os antigos possuíam o conceito de estados subjetivos é muito discutida pelos estudiosos. Fine (2003) acha que é possível falar em subjetividade nos cirenaicos. Já Burnyeat (1997) acha que o termo é demasiado anacrônico. Tsouna nos apresenta a tese que a epistemologia cirenaica introduz a idéia que alguns tipos de verdade podem ser atingidos pelo homem dentro do limite de sua subjetividade. Essa idéia, de certa forma, anteciparia uma idéia presente na modernidade, a saber, que o homem conhece através da subjetividade. A concepção de *pathé* como uma experiência subjetiva proposta pelos cirenaicos constitui uma alternativa filosófica às concepções modernas de estados subjetivos. A apreensão cognitiva é de acordo com “minha” experiência sobre algo. O *pathé* é algo privado, interno a pessoa que o sente. Assim, ele não pode ser observado por uma pessoa de fora. Segundo Tsouna, isso denota que os cirenaicos tinham uma visão pós-cartesiana que distinguia o que é subjetivo e privado do que é objetivo e comum (Tsouna, 2004, p. 20). Todavia, o que é privado não é necessariamente mental, visto que o *pathé* é também algo físico, descrito como movimento da carne (PH 1.215). Defendemos aqui que, embora os conceitos possam ser anacrônicos, sob uma perspectiva naturalista os cétricos não eram diferentes dos seres humanos contemporâneos de modo que podemos usar a nossa própria experiência de mundo para tentar entender a do cétrico antigo.

<sup>17</sup> Todavia, nota-se que o real interesse de Groarke (1990) é dizer que na Antiguidade já havia o ceticismo do mundo externo, mas isso não necessariamente foi colocado pelos cirenaicos, podendo ser apenas uma visão pirrônica.

<sup>18</sup> “O filósofo cirenaico afirma que apenas os sentimentos existem e nada mais” (M 6,53).

<sup>19</sup> “A afeição (*pathos*) que ocorre em nós não nos revela nada além de si mesma. Por isso ... somente nossa afeição é aparente para nós, e o objeto externo que produz tal afeição, embora talvez exista, não é aparente para nós” (M 7.194).

<sup>20</sup> M 7.193-4: o termo *tacha* (talvez) supõe uma dúvida sobre o mundo. A questão é que como ele não é auto-evidente, só podemos conhecer aquilo que é acessado pelo *pathos*.

<sup>21</sup> Tsouna diz que essa interpretação se assemelha muito mais com os ensinamentos de Enesídemos. Porém, mesmo que essa passagem seja atribuída aos cirenaicos, poder-se-ia referir a uma atribuição dialética, uma ferramenta argumentativa para dizer que não podemos saber nada sobre o mundo externo (Tsouna, 2004, p. 83).



Além disso, como argumenta Tsouna (2004), o *pathôs* não possui apenas o caráter mental, antes, ele também é algo físico<sup>22</sup>. Sendo assim, para os cirenaicos, não há a dúvida sobre a existência do mundo físico, como vemos acontecer em Descartes. De certa forma, podemos dizer que os cirenaicos não antecipam a formulação do ceticismo moderno com o “problema do mundo externo” (Tsouna, 2004).

Segundo O’Keefe o fato de ser impossível fazer um julgamento externo do mundo ocorre devido a uma limitação epistêmica no sujeito, não havendo nos cirenaicos qualquer dúvida metafísica sobre a existência real do mundo. Quando os cirenaicos afirmam sobre a impossibilidade de conhecer o mundo externo, diferente dos pirrônicos que apenas suspendem o juízo sobre essa questão, eles não afirmam isso questionando a existência real do mundo, mas sim porque nossa forma epistêmica de conhecer o mundo só pode apreender aquilo que é transmitido pelo *pathôs*. Sendo o *pathôs* algo dado pelas nossas impressões do mundo, não há garantia se a forma como percebo o mundo externo é de fato tal como eu estou apreendendo.

Contrário à tese de O’Keefe de que o ceticismo cirenaico advém de uma incapacidade cognitiva de perceber o mundo externo, Zilioli (2014) irá argumentar que o ceticismo cirenaico é uma tese metafísica. Segundo ele o mundo externo está em constante fluxo<sup>23</sup> e, dessa forma, não há nenhuma propriedade no mundo que esteja determinada, havendo assim uma indeterminação metafísica no mundo. Para se valer dessa tese, Zilioli (2014) cita uma passagem do Sextus M 6.53 que mostra que os objetos apreendidos produzem um *pathôs*, mas não são um *pathôs* específico, assim como som não é um *pathôs*, mas algo que produz um *pathôs*.

Tim O’Keefe responde essa questão dizendo que essa citação que Zilioli faz referência é uma citação inconsistente, pois se contradiz com as outras referências dos cirenaicos, e que, nesse caso, os pirrônicos estavam-se valendo de um ‘suposto’ argumento dos cirenaicos para argumentar contra algo. Para validar sua posição ele analisa Sextus M 7.195 que diz:

E, desse modo, somos todos infalíveis no que diz respeito aos efeitos (os que pertencem a nós mesmos, de qualquer maneira), mas todos erramos no que diz respeito à coisa que existe externamente. E os primeiros são apreensíveis enquanto o segundo é inapreensível, a alma sendo fraca demais para discerni-lo por conta das localizações, distâncias, movimentos, mudanças e muitas outras causas. Por isso, eles dizem que nem sequer existe um critério comum à humanidade, mas que nomes comuns são colocados nos objetos (M 7.195).

Segundo a leitura proposta por O’Keefe, o fato de a “alma ser muito fraca para fazer alguma distinção” denota uma incapacidade cognitiva de perceber o mundo. Como apreendemos apenas nossa afecção subjetiva, e esta por sua vez é algo individual, nada nos garante que um dado objeto pode ser percebido de diferentes formas para as pessoas. Assim, não é possível saber como algo aparece de “forma particular”. Além disso, se valendo da citação de Eusébio XIV, 19, O’Keefe argumenta que ao falar que os cirenaicos sentem o calor, mas não sabe se foi o

<sup>22</sup> Tsouna nos diz: “Embora os cirenaicos enfocassem as *pathe* em conexão com percebedores, sua análise permanece fisicalista” (2004, p. 9).

<sup>23</sup> Para Zilioli (2014), o mundo externo é formado por um substrato indeterminado, ou seja, não é formado por uma essência determinada. Assim, tudo estaria em constante fluxo, não podendo identificar uma determinação do mundo.

fogo que o causou, já pressupõem que o fogo existe e assim, não poderia haver uma indeterminação do mundo externo.

## Conclusão

Ao cabo desse trabalho, tentamos investigar de forma mais cuidadosa e esmiuçada a epistemologia cética dos cirenaicos, muito pouco conhecida e divulgada nas correntes céticas. Notamos que para os cirenaicos só é possível conhecer o que o *pathos* revela aos sentidos sendo deixado de fora qualquer certeza que ultrapasse a aparência que temos dos sentidos. Concordamos com Tim O’Keefe de que a dúvida cética colocada por eles se refere as propriedades e identidades dos objetos externo. Em relação ao ceticismo do mundo externo já não parecem ter a mesma posição. Assim, também tendemos a concordar com as análises de Tim O’Keefe e Tsouna sobre a impossibilidade de haver um ceticismo do mundo externo nos cirenaicos, deixando de lado a análise de Groarke sobre a possibilidade de os Antigos terem um anti-realismo nos estilo Catesiano.

Para isso, nos baseamos nas citações apresentadas e na análise de Tsouna (2004), para quem nos cirenaicos os *pathê* só existem depois da percepção do sujeito, ou seja, é necessário o corpo para poder identificá-lo.

## Referências

- BRITO, R. 2010. Uma breve história do ceticismo antigo. In: *Gaia*, 07: 87- 88.
- BRITO, R. 2014. Quadro conceituais do ceticismo anterior a Sexto Empírico”. In: *Prometeus*, 16: 41-61.
- BROCHARD, V. 2009. *Os céticos gregos*. São Paulo: Odysseus Editora.
- BURNYEAT, M. F. 1997. Can the sceptic live his Scepticism? In: Burnyeat, M.; Frede, M. (eds.) *The Original Sceptics: a controversy*. Indianapolis: Hackett Pub. Co., p. 25-57.
- DIÓGENES LAÉRCIO. 1997. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Tradução e introdução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- EUSEBIUS OF CAESAREA. 2003. *Praparatio Evangelica* (Preparation for the Gospel) Tradução E. H. Gifford.
- FINE, G. 2003. Subjectivity, Ancient and Modern: The cyrenaics, Sextus, and Descartes. In: Miller, J. e Inwood, B. *Hellenic and early modern philosophy*. Cambridge: Cambridge Universsity press.
- GROARKE, L. 1990. *Greek Scepticism: anti-realist trends in Ancient Thought*. Toronto:McGill-Queens University Press.
- LEAL-TOLEDO, G. 2014. Razão e ciência após os desafios céticos. *Revista de Filosofia Aurora*, 26(39): 609-639.
- LEAL-TOLEDO, G. 2019. Ensaios de um Fisicalista Estrito. In: Leal-Toledo, G.; Gouvea, R. A do S.; Alves, M. A. S. (eds.). *Debates Contemporâneos em Filosofia da Mente*. São Paulo: FiloCzar, p. 95-112.

- LEAL-TOLEDO, G. 2008. Os Céticos e suas Crenças: a aparente duplicidade de Sexto Empírico. *Dissertatio* 27-28:129-159.
- O'KEEFE, T. 2002. The cyrenaics on pleasures, happiness, and future-concern. *Phronesis* 47(4): 395-416.
- O'KEEFE, T. 2015. The sources and scope of Cyrenaic skepticism. In: Zilioli, U. (ed.). *The Socratics to the Socratic schools: Classical Ethics, Metaphysics and Epistemology*. Routledge, p. 99-113.
- TSOUNA, V. 2004. *The Epistemology of the Cyrenaic School*. Cambridge University.
- PLUTARCH. 1874. *Plutarch's Morals*. Tradução corrigida e revisada William W. Goodwin. Little, Brown, and Company. Cambridge: Press of John Wilson and son.
- SEXTUS EMPIRICUS. 1996. *Pyrrhoniae hypotyposes*. Hipotiposis Pirronicas. Edição de Rafael Maulini. Madrid: Edições Akal.
- SEXTUS EMPIRICUS. 2005. *Against the Logicians*. Tradução Richard Bett. Cambridge: Cambridge University.
- ZILIOLI, U. 2015. The Cyrenaics as Metaphysical Indeterminists. In: Zilioli, U. (ed.). *The Socratics to the Socratic schools: Classical Ethics, Metaphysics and Epistemology*. New York: Routledge, p.114-133.